

BRINCANDO PELO BRASIL

Dayane Fátima Borelli Michasliki¹; Vera Lucia Guerra²

¹Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia da UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande; E-mail: dayaneborelli@hotmail.com. Bolsista PIBIEX

² Professora do Curso de Licenciatura em Geografia da UEMS, Unidade Universitária de Campo Grande; E-mail: veral@uems.br

Área Temática da Extensão: Educação

Resumo

Relato das ações que integram a primeira fase do Projeto de Extensão: Brincando pelo Brasil, em prol da difusão dos brinquedos e brincadeiras que integram o patrimônio cultural das populações infantis das cinco regiões brasileiras e da defesa dos direitos da criança ao brincar, à educação de qualidade e o acesso à cultura. Esta etapa compreendeu a identificação dos símbolos regionais e dos praticantes e usuários de brinquedos, brincadeiras e jogos e sua associação com o modo de ser e de viver das pessoas entre si e no contato com a natureza. As informações obtidas com a pesquisa bibliográfica, documental e análise de objetos, ressaltam a influência das águas e dos transportes pluviais nas brincadeiras dos povos ribeirinhos e caçaras, no uso da flora pelas crianças do norte, no uso do corpo na simulação de animais como fazem as crianças indígenas, e possibilitam a organização de um pequeno acervo a ser usado pela equipe executora deste projeto com as crianças da educação básica e outros educadores. Entende-se que, a identificação de traços culturais de um grupo em um brinquedo ou brincadeira e a localização geográfica de grupos que o pratica podem auxiliar as crianças na compreensão das diferenças entre as cinco regiões brasileiras, validando assim, a inserção de brinquedos e brincadeiras nas aulas de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Brinquedos. Brincadeiras. Identidade Cultural.

Introdução

O objetivo maior deste texto é relatar as ações que integram a primeira fase do Projeto de Extensão: Brincando pelo Brasil, desenvolvido em prol da difusão dos brinquedos e brincadeiras que integram o patrimônio cultural das populações infantis das cinco regiões brasileiras e da defesa dos direitos da criança ao brincar, à educação de qualidade e o acesso à cultura. Considerada como preparatória, compreende na identificação dos símbolos regionais e dos praticantes e usuários de brinquedos, brincadeiras e jogos e sua associação com o modo de ser e de viver das pessoas entre si e no contato com a natureza.

Associado diretamente a infância, o brincar não deve ser tomado como um comportamento natural, inato. O brincar é uma conduta social organizada, apreendida, inventada e reinventada pela criança no contato direto com seus pares e com representantes

das gerações mais antigas. Brougère (2000) explica que o brincar é cultural, pois é fruto de um processo de relações interindividuais, que pode precisar ou não de um suporte material para sua realização.

A transmissão do modo de brincar de criança para criança durante a própria realização da brincadeira, influencia na divisão de papéis; os de fácil realização ficam reservados para as mais novas como ainda não dominam as regras ou que não adquiriram as habilidades necessárias e os papéis mais difíceis ficam para as crianças habituadas com a brincadeira. Portanto, cada indivíduo do grupo tem um papel, regras e condições a serem cumpridas, por exemplo, na brincadeira de esconde-esconde uma criança conta com os olhos fechados enquanto que as outras se escondem, ou na brincadeira de casinha os personagens são distribuídos em pai, mãe e filho; da mesma forma que funciona a nossa sociedade onde cada um tem o seu papel dentro, e regras dentro dela.

“As brincadeiras [...] têm um grau de extraordinário de universalidade, tanto temporal quanto espacial. Repetem-se, com especificidades regionais, em inúmeros ambientes socioculturais diversos ao longo da história humana” (CARVALHO, 2003, p.16). Prova disso são os nomes dados por crianças de diferentes regiões para o mesmo brinquedo como a pipa, que é chamada papagaio, pandorga e arraia, e a bolinha de gude chamada de búrica é búlica, papão, peteca e outros.

Kishimoto (1994) explica que, diferentes grupos de épocas e localidades distintas compartilham do mesmo sentimento de pertença de brinquedos e brincadeiras como se fossem próprios da sua cultura, pois guardam em si a tradicionalidade e universalidade características do folclore.

Guerra (2009) alerta que, durante o processo de comunicação entre quem ensina e quem aprende a brincadeira, ela pode ser alterada ou descaracterizada, pois as crianças podem traduzir algumas expressões, desprezar o simbolismo, incluir ou excluir elementos. A autora defende que, apesar das transformações dos espaços e tempos urbanos, as brincadeiras tradicionais ainda podem ser encontradas no Mato Grosso do Sul, tanto nas cidades como no campo.

Material e Métodos

Para atingir os objetivos propostos para esta etapa desenvolveu-se pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, análise de vídeos e objetos. As fontes utilizadas podem ser classificadas como primárias e secundárias, ou seja, textos e vídeos que guardam a análise

de conteúdo de uma determinada fonte, e depoimentos, documentos e objetos analisados pela própria pesquisadora (MARCONI, LAKATOS, 2006).

Resultados e Discussão

Abordar as diferentes relações entre cidade e campo levando em conta os meios de transporte, a cultura, as relações sociais e de trabalho, compreendendo seus aspectos físicos e histórico é o esperado pelo Ministério da Educação (1998) para o estudo da Geografia na educação básica. Espera também que, a criança (aluno) obtenha um pouco de conhecimento sobre o território brasileiro distinguindo suas regiões pelas paisagens, pela maneira que dá o processo administrativo, e pela ação do homem.

A Geografia deve oportunizar a reflexão sobre as formas adotadas pela sociedade na superação de seus problemas cotidianos, transformando a natureza, criando organizações sociais, política e econômica e construindo paisagens, e sobre as possibilidades advindas do desenvolvimento tecnológico e reconheçam a tecnologia no seu cotidiano.

Neste sentido, defende-se que as brincadeiras tradicionais podem ajudar na compreensão dos diferentes espaços, regiões, paisagens; preservando o bem estar social junto ao meio ambiente como a qualidade das águas, cursos dos rios, compreendendo as relações políticas, sociais e de trabalho.

No sudeste, por exemplo, podem-se pensar a relação do homem com o mar em Paraty, RJ, na região que nos caminhos outrora percorridos por escravos e bandeirantes, brincando com canoas e barcos fabricados com retalhos do iguaçu e remos em iguaça, madeiras usadas para confeccionar as embarcações para pesca e para o transporte.

O interesse pela política econômica que vigorava no Estado de São Paulo, pode ser despertado com as brincadeiras dos cafezais, os grãos de café, conhecidos como o felipe (2 ou 3 grãos que nascem grudados) ou a barola (balola, baloa, birola ou bola com mais de 4 grãos) eram usados nos jogos de arremesso, outros eram usados como peças dos jogos de tabuleiro e na cinco marias (cinco pedrinhas).

“O passar felipe era um pedido por prenda, já o quebra-felipe representava um trato firmado. Enquanto aguardavam a medição do café colhido, aproveitavam para caçar o grilo-toupeira, um inseto conhecido por paquinha” (MARCONI, 1976 apud GUERRA, 2009, p.148).

Na região Norte, os brinquedos de miriti vendidos durante o Cirio de Narazé em outubro, ajudam a explicar a cultura no contato do homem com a fé (divino, religioso) e com a natureza, que fornece a matéria prima para os brinquedos.

No Nordeste, os mamulengos e bonecos gigantes de Olinda, os instrumentos de percussão que acompanham a capoeira, revelam as características de um povo que guarda em sua gênese traços da cultura dos invasores/colonizadores brasileiros (CARVALHO, 2003).

No Centro-Oeste, as crianças mato-grossenses inventam e reinventam formas de pular e atravessar os rios, enquanto as sul-mato-grossenses brincam com os frutos da terra fazendo guerras de mamona, divertem-se catando guavira, derrubam manga com estilingue e competem arremessando jatobá (GUERRA, 2009).

Desta forma, as brincadeiras servem de ponte com a infância e a organização das sociedades de outrora, aproximando das experiências vividas.

Conclusões

As informações obtidas com a pesquisa bibliográfica, documental e análise de objetos, ressaltam a influência das águas e dos transportes pluviais nas brincadeiras dos povos ribeirinhos e caiçaras, no uso da flora pelas crianças do norte, no uso do corpo na simulação de animais como fazem as crianças indígenas, e possibilitam a organização de um pequeno acervo a ser usado pela equipe executora deste projeto com as crianças da educação básica e outros educadores.

Trabalhar com jogos tradicionais, não significa negar os avanços tecnológicos e as transformações da dinâmica social, significa instrumentalizar as crianças no processo de construção da sua identidade e na compreensão da existência de diferentes culturas em um mesmo país.

Agradecimentos

À UEMS pela bolsa PIBEX.

Referências

- BRASIL.1998. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília, DF : MEC/SEF.
- BROUGÈRE, G. 2000. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez.
- CARVALHO, A. M. (et. al.) 2003. **Brinquedo e Cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. vol. 1. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- GUERRA, V. L. 2009. **Temporadas de Brincadeiras**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 234p.il
- KISHIMOTO, T. M. 1994. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. 2006. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas.